Dendritos

Dendrites

Rodrigus Pinheiro[1]

Resumo
A presente produção textual enreda-se "pensando-com" – para aludir a Donna Haraway – formas mais-que-humanas de produção de pensamento e de vida, em desalinho com O Mundo – avesso às possibilidades multissêmicas de vir-a-ser da existência e a implicar-se cuidadosamente em sistemas complexos de cooperação. À maneira fabulatório-especulativa, ocupa-me de narrar um episódio cuja estranheza desponta como fio condutor e operador conceitual. A partir dele, adenso um mergulho especulativo no sentido de, por meio da aparente dessemelhança e inabitualidade do evento, tecer paralelos tão prováveis quanto improváveis entre corporalidades humanas e mais-que-humanas, em consonância poética-crítica com vozes da filosofia e da física. Ao fazê-lo, o texto nos realoca, em lugar de antípodas, como formas de produzir pensamento e vida que constituem conjuntamente o cosmos; formas cuja corresponsabilidade de conviver se faz essencial para reposicionar as bases conceituais-materiais que corroboram O Mundo em sua dimensão catastrófica e homofílica.
Palavras-chave: Ficção especulativa; Imaginação radical; Pensar-com; Narrativas mais-que-humanas; Xenofilia.

Abstract
This text unfolds through a "thinking-with" – in reference to Donna Haraway – more-than-human modes of producing thought and life, out of alignment with the World, which remains averse to the multisemic possibilities of existence's becoming and to carefully implicating itself in complex systems of cooperation. In a fabulatory-speculative mode, it sets out to narrate an episode whose strangeness emerges as both guiding thread and conceptual operator. From this episode, the text deepens a speculative immersion in order to weave, through the apparent dissimilarity and unfamiliarity of the event, parallels as probable as they are improbable between human and more-than-human corporealities, in poetic-critical consonance with voices from philosophy and physics. In doing so, the text relocates us, not as antipodes, but as forms of producing thought and life that co-constitute the cosmos; forms whose co-responsibility for coexistence becomes essential for repositioning the conceptual-material grounds that sustain the World in its catastrophic and homophilic dimension.
Keywords: Speculative fiction; Radical imagination; Thinking-with; More-than-human narratives; Xenophilia.

[1] Rodrigus Pinheiro (elu/ela, 1994, RJ) é artista-pesquisadora, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF, mestra pelo mesmo programa e graduada em Artes Visuais/Escultura pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Realiza um trabalho de ficção especulativa transmídia, mobilizando diferentes meios e materialidades a partir da noção de "performatividade inalgoritmável" que desenvolve em sua pesquisa. Sonda, assim, outras possibilidades de costura entre as inteligências do corpo e da máquina, que operem no sentido de dificultar a captura de nossa capacidade vital de imaginar narrativas dissidentes para nossos passados/presentes/futuros tecnológicos. E-mail: rodrigolapinheiro@gmail.com.

Dendrito. Do gr. *déndron*, árvore, e suf. *-ito*; apresenta-se em forma de finas ramificações. (Nascentes, 1955, p. 151)

Dendrito. *Significa "ramificado como uma árvore" e deriva do grego déndron ("árvore"). Em anatomia, o termo designa os prolongamentos protoplasmáticos ramificados dos neurônios. Em botânica, rododendro (do grego rhodon, "rosa") refere-se a uma árvore perene de flores rosadas, enquanto filodendro (do grego philos, "amante de", "afeito a") designa uma planta trepadeira de folhagem perene com propensão a se agarrar às árvores* (Haubrich, 2003, p. 64, tradução nossa).[2]

***

Quando acordei, o peso felpudo que imobilizava uma de minhas pernas me fez querer lançar luz cobertor adentro.

Mal a luminescência do celular varreu o breu do corpo, desvelou os dois olhos de fenda que fitavam no horizonte de meu repouso.

Não resplandeceram resquício algum de surpresa, como se de antemão pudessem saber de minha inspeção sobressaltada.

Talvez, com recorrência, e sem se deixar notar, o bicho fizesse de minha perna poleiro, para beber da fonte de meu sono inquieto, de meus espasmos noturnos, visitando-me sem objetivar rastros; a porta cuidadosamente encostada a cada vinda.

No entanto, àquela noite, por algum motivo, veio sem deixar de fora o peso de seu corpo, tão espichado quanto uma manta densa, trazendo consigo o inevitável formigamento.

(o corpo que quer acordar, formiga…)

[2] Original: "Dendrite means 'branched like a tree' and is derived from the Greek *dendron,* 'tree'. In anatomy the term refers particularly to the branching protoplasmic processes of nerve cells. In botany, *a* rhododendron (Greek *rhodon,* 'rose') is an evergreen tree bearing rose-colored flowers, and *a* philodendron (Greek *philos,* 'loving') is a climbing plant with evergreen foliage and a propensity to cling to trees."

Seus olhos, um aparelho auspicioso de observância, vorazmente adaptado à penumbra dos sentidos, enquadravam-me tão atentos que, zelosamente, ousei estender-lhe o dedo, como se quisesse me convencer da placidez incredulizante de um animal empalhado.

Toquei para ver.

> 'Na escala humana, o que normalmente queremos dizer quando afirmamos que dois objetos estão se tocando é que a superfície externa bem definida de um objeto se encontra no mesmo lugar que a superfície externa bem definida do outro objeto', disse Christopher Baird, professor associado de Física da West Texas A&M University, à *Live Science* via e-mail. 'Mas esse tipo de toque não faz realmente sentido na escala atômica, porque os átomos não possuem superfícies externas bem definidas'.
> Um átomo não é nem um objeto sólido nem a menor unidade conhecida pelos cientistas. Em vez disso, um átomo é composto por muitas partículas diferentes que interagem de acordo com regras específicas. Em seu núcleo, um átomo consiste em um núcleo cercado por uma nuvem de elétrons […]
> A nuvem de elétrons de um átomo torna difícil determinar um limite exato para o 'toque', disse Baird. Em vez disso, é mais útil defini-lo como o ponto em que se desencadeia um efeito físico ou químico, como a formação de ligações químicas. Isso pode ocorrer quando as nuvens eletrônicas dos átomos se sobrepõem de maneira significativa (Wells, 2024, tradução nossa).

De súbito, criou movimento, e, antes de retomar a sua pose esfíngica, escondeu a ponta de meu indicador em sua boca, apertando e prendendo-a habilmente, as papilas de gancho de sua língua lambuzando a minha pele…

> Esse 'toque' pode ser resultado de diferentes forças, incluindo o eletromagnetismo, a gravidade e a mecânica quântica. Líquidos e sólidos normalmente se tocam por meio da formação de ligações químicas (Wells, 2024, tradução nossa).

Um sobreaviso, demarcando o acordo tácito que delimita onde minha compreensão da vida solapa e nossas linguagens se emparelham.

Uma ligadura imprevista, um tipo de desvio sináptico úmido acontecendo fora da caixa craniana, muito distinto do vínculo nervoso com as *touch screens* secas, que, enroscadas na ponta dos dedos insaciáveis, também fazem o corpo formigar noites em claro – mas sem insuflar na corrente sanguínea/química novidade alguma.

O aperto dentado bombeou sangue para a perna cãibrosa, agora irrigada e refastelecida.

Em sinal de respeito, deixei o dedo pender vagaroso em sua boca viscosa, provando da vontade que o levara a se enroscar para cima da cama, como uma tentativa de cumprimento.

Em seguida, murchei o dedo de qualquer indício de vitalidade, e sinalizei intenção de retirada, cuidadosamente recuando o braço centímetros de sua fronte.

O aperto se reforçou.

Tentei novamente, polindo com ainda mais sutileza o movimento.

O aperto se agravou.

> Outra forma de 'toque' pode ocorrer quando partículas colidem em altas velocidades, como em um acelerador de partículas como o *Large Hadron Collider* [o maior acelerador de partículas do mundo] do CERN [*Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire*], na Suíça, afirmou Zhiquan Sun, doutorando no Centro de Física Teórica do *Massachusetts Institute of Technology* (Wells, 2024, tradução nossa).

O bicho respondia unissonamente às investidas de meu raciocínio, que agora se atrofiava com o crescente pavor.

Com mais firmeza, estremeci o dedo em sua boca.

A amplitude de sua mandíbula se estreitou, perfurando a fina camada de carne que recobre o membro, desvelando a frágil ossatura.

> 'Quando átomos colidem entre si com energia suficientemente alta para que suas nuvens eletrônicas se sobreponham […] os núcleos podem sofrer colisões elásticas ou inelásticas', disse Sun à *Live Science* em um e-mail. 'Se a colisão for elástica, o núcleo simplesmente muda de direção, reencontra seus elétrons e volta a se tornar o mesmo átomo que era antes. Se os núcleos colidem inelasticamente, eles se fragmentam em prótons e nêutrons, e esses podem formar núcleos diferentes' (Wells, 2024, tradução nossa).

As mensagens sinápticas eram doloridas, alastravam-se em ritmo de gradativas dentadas.

Recobrei o exíguo de minha existência na boca do bicho.

A classe humana regozija-se dos supostamente grandes, e não raro terríveis, feitos de suas mãos, há muito livradas do chão e realocadas no alto do pensamento, no extremo oposto do corpo, ereto. Contudo, nada mais do que órgãos homólogos. Não havia nada que suas patas terrenas não pudessem conjecturar a meu respeito. Repousadas, nós falávamos de nossas respectivas horizontalidades, a uma só vez/voz.

Ao que parecia, o acoplamento fazia-se decisivo.

Não restavam garantias de reaver a minha estrutura sem as alterações daquele encontro.

> A violência é potencialmente produtiva, bem como destrutiva. Tocar é sempre tentar tocar a incorporalidade de um corpo, tocar o que ainda não é. Não toco o que eu penso ser você; alcanço aquele que você se tornará. Sempre há o devir singular, mas singular no sentido de um acontecimento coletivo, não no sentido de um número codificado dentro de uma série (Manning, 2023, p. 23).

Como última das investidas, desocupei-me da clarividência do celular e apoiei a segunda das mãos sobre a cabeça do bicho, distanciando-a com cautela enquanto tentava extrair o dedo abocanhado.

Empurrei-a aos poucos; a boca fechando-se com afinco conforme as fibras do dedo estiravam-se.

De solaio, o aparelho celular requisitou o reconhecimento biométrico de meu dedo – as ardilosas e afáveis dentadas corporativas.

No intervalo impreciso entre o mais pungente do aperto e o repentino da soltura, indaguei-me:

(talvez esse dedo devesse ser seu, talvez devesse ceder, talvez devesse deixar desfigurá-lo [?]…)

Minha mão desprendeu-se ao som de um singelo estalido.

clic!

> [Em um acelerador de partículas como o do] CERN, partículas colidem a energias muito altas para quebrar partículas e até formar novas partículas

> subatômicas […]. Colisões semelhantes provavelmente ocorreram no universo primevo (Wells, 2024, tradução nossa).

O peso que antes imobilizara a perna suspendeu-se bruscamente, feito bexiga d'ar estourando-se, ainda que o bicho permanecesse imóvel.

> Corpos – todos os corpos – escapam ao nosso alcance. Não são compreensíveis, em parte porque excedem nossas expectativas em relação a eles. Corpos nunca estão suficientemente ali, e não estão ali porque o movimento se caracteriza pelo engajamento em espaços-tempos ainda não mapeados, os espaços-tempos analfabetos, ainda não revelados, ainda não descobertos (Manning, 2023, p. 24).

Sua robusta arcada desencaixara-se de sua face, tal qual artefato desmantelando-se delicadamente; os dentes esguios, ainda afincados ao meu indicador.

Estarrecida, petrifiquei.

A mão ilesa levada a minha boca; não emitia som algum.

Debaixo do cobertor, o dedo hasteado, sem mais responder à perplexidade de meus comandos, apontava para uma cena horrificante.

> Corpos são máquinas estranhas, máquinas porque produzem extensões de si mesmos, porque geram sistemas dentro e fora de um equilíbrio, sistemas que resistem à organização estrita.
> Um objeto está em equilíbrio quando as forças que sobre ele atuam operam de tal modo que não há tendências para o objeto se mover. Sabemos que corpos se movem, portanto não é concebível que estejam (sempre) em equilíbrio. Corpos enquanto máquinas estão frequentemente longe de equilíbrio: mudanças no meio envolvente causam alterações no sistema. Sistemas-longe-do-equilíbrio são metaestáveis, marcados por um elemento de imprevisibilidade, por uma capacidade de desenvolvimento, de individuação e mutação. A mutação se refere tanto à maneira como os sistemas são organizados, compostos e articulados quanto às suas divergências. Mutantes são corpos com outro nome (Manning, 2023, p. 25).

Absolutamente estapafúrdia foi a tentativa que se seguiu.

Devolvi o dedo desgalhado ao vão que restara no lugar de sua boca, como se o ato pudesse reconstituí-la, fazer revogar os impactos danosos daquela cisão, mesmo que tardiamente…

(eu não queria… é seu… pode levar…)

Disse-lhe como pude: a mão trêmula acariciando a sua cabeça…

A tela do celular enfim apagou-se.

(por que a única saída parecera preservar uma vida em detrimento da outra?)

…

No dia seguinte, contei o ocorrido para uma amiga, à beira do chafariz incandescente.

(na armadilha chinesa para dedos,

para arrefecer o aperto,

nunca se deve puxar os indicadores,

distendendo as fibras do duto que os prende e encurtando seu calibre…

Em vez de tentar afastar,

importante manter o toque entre dedos,

quer esteja imobilizada sozinha,

quer com outrem.

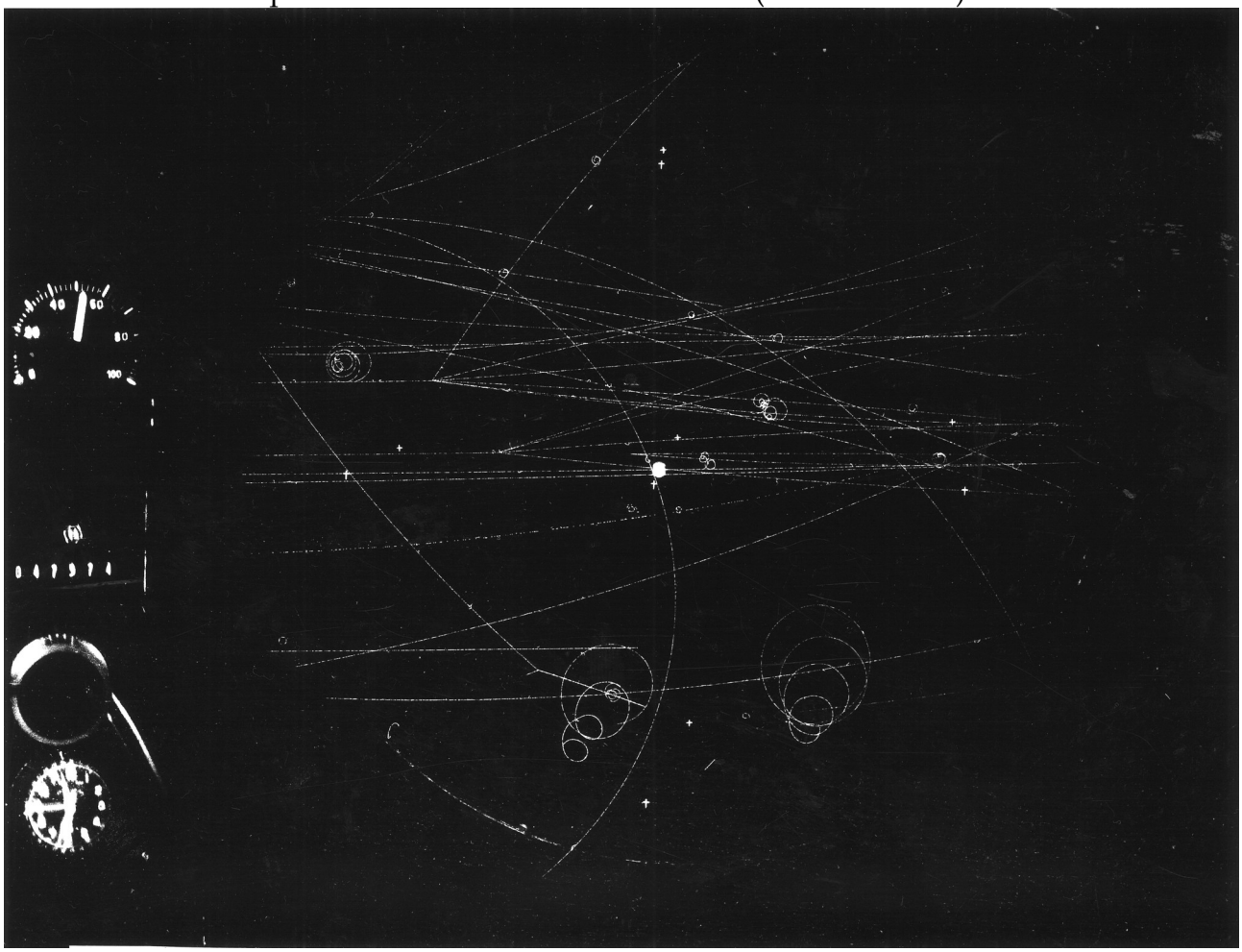
A superfície de contato ampliada entre dedos

é diametralmente oposta à falta de saída.)

Dissemo-nos em silêncio, enquanto rodeávamos a câmara de bolhas[3] da fonte…

[3] Câmara de bolhas (*bubble chamber*): dispositivo da física de partículas que torna inteligível em imagem as trajetórias ramificadas e espiraladas de partículas subatômicas em movimento e em interação, por meio da formação de bolhas em um líquido superaquecido, conferindo, assim, visibilidade a eventos, para nós, invisíveis.

Imagem 1 – Trajetórias de partículas subatômicas tornadas visíveis por meio de uma câmara de bolhas (*bubble chamber*).



Fonte: CERN – *Organisation Européenne pour la Recherche Nucléaire* (2022). Disponível em: <https://cds.cern.ch/record/2804922>. Acesso em: 13 mar. 2026.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Referências específicas deste texto

CERN. Bubble chamber photograph showing particle tracks. Geneva: CERN, s.d. Disponível em: <https://cds.cern.ch/record/2804922>. Acesso em: 13 mar. 2026.

MANNING, Erin. Expressões atípicas e invenções políticas. *In*: MANNING, Erin. **Políticas do toque**: sentidos, movimento e soberania. Tradução de Bianca Scliar. São Paulo: Glac Edições, 2023. p. 14–29.

WELLS, Sarah. Do atoms ever touch? **Live Science**, 16 dez. 2024. Disponível em: <https://www.livescience.com/physics-mathematics/do-atoms-ever-touch?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 13 mar. 2026.

Submetido em: 18 mar. 2026
Aprovado em: 25 jul. 2026